

ren der -ce

INFINITO

Onde Fios Tecem
Histórias e Legados

P. 14

FIO DA HISTÓRIA

Preservação de uma arte
que sobrevive desde os
aldeamentos jesuítas

P. 21

ENTREVISTA

Nilo Sérgio e o impulso
econômico do artesanato
cearense

P. 56



Universidade
de Fortaleza



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

Presidente: **Lenise Queiroz Rocha**

Vice-Presidente: **Manoela Queiroz Bacelar**

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Reitor: **Randal Martins Pompeu**

Vice-Reitora de Ensino de Graduação e Pós-Graduação: **Katherinne de Macêdo Maciel Mihaliuc**

Vice-Reitor de Administração: **José Maria Gondim**

Vice-Reitor de Pesquisa: **Afonso Lima**

Vice-Reitora de Extensão e Comunidade Universitária: **Adriana Helena Moreira**

Diretora de Comunicação, Marketing e Comercial: **Ana Quezado**

Diretor de Planejamento: **Marcelo Nogueira Magalhães**

Diretor de Tecnologia: **Adriano Honorato**

Diretor de Pós-Graduação: **Marcus James**

Centro de Ciências da Comunicação e Gestão (CCG): **Danielle Batista Coimbra**

Centro de Ciências Jurídicas (CCJ): **Juliana Maria Borges Mamede**

Centro de Ciências Tecnológicas (CCT): **Jackson Sávio de Vasconcelos Silva**

Centro de Ciências da Saúde (CCS): **Lia Brasil Barroso**

REVISTA RENDER - Ce

Editor-Executivo: **Prof. José Wagner Borges Gondim**

Projeto Gráfico e Diagramação: **Prof. Aderson dos Santos Sampaio e Vinicius Soares**

Fotos: **Ares Soares, Jari Vieira, Maria Eduarda Braga Barroso, Yasmin Boyadjian de Oliveira, Clarisse Bento Maciel Carvalho, Maria Eduarda Moraes Camara, Caio José Andrade Rocancourt, Yuri Parente Costa, Lucas Emanuel Alves Braga e Arquivo UNIFOR.**

Ilustração: **Envato Elements**

Colaboração

Profa. Milena Baratta Nunes Aldigueri Rodriguez

Profa. Rafaela Ponte Lisboa

Alunas bolsistas do Curso de Jornalismo UNIFOR

Eduarda Moraes

Yasmin Boyadjian

Revisão

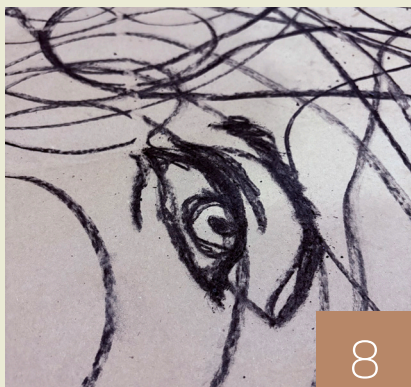
Profa. Aíla Sampaio



Unifor



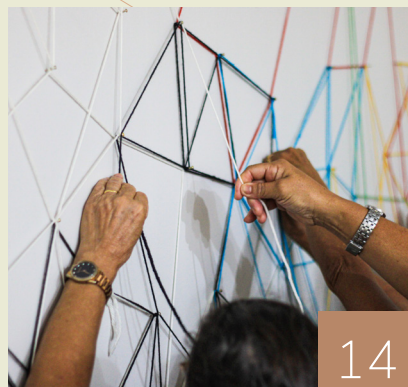
INFINITO



8



11



14



16



21



26

SUM



32



34



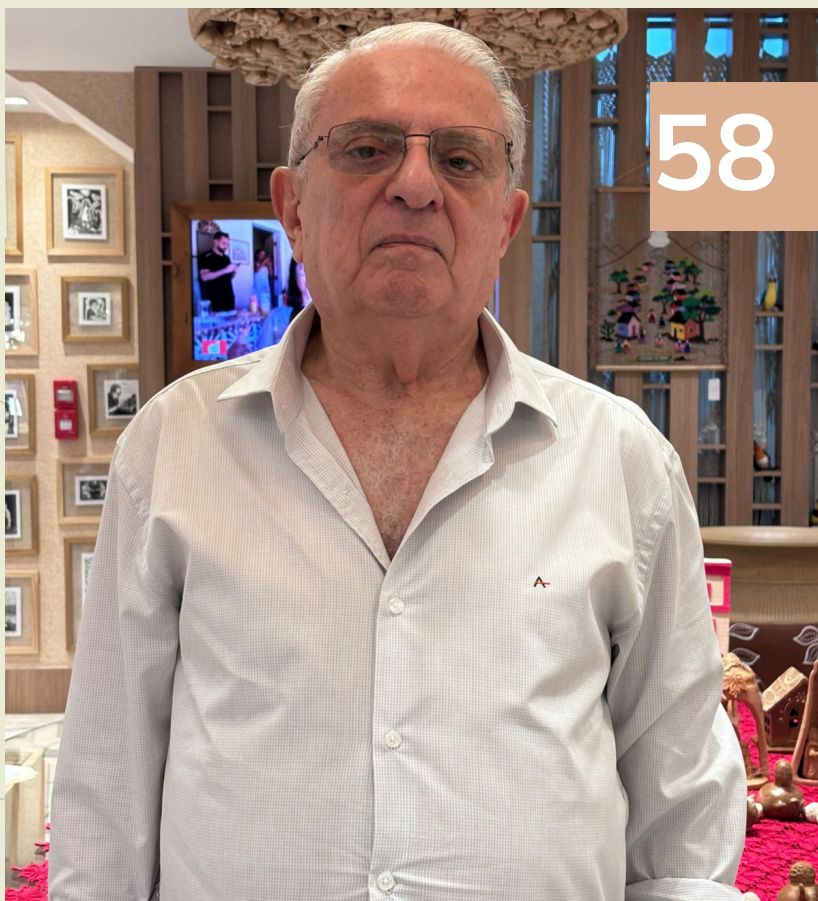
42



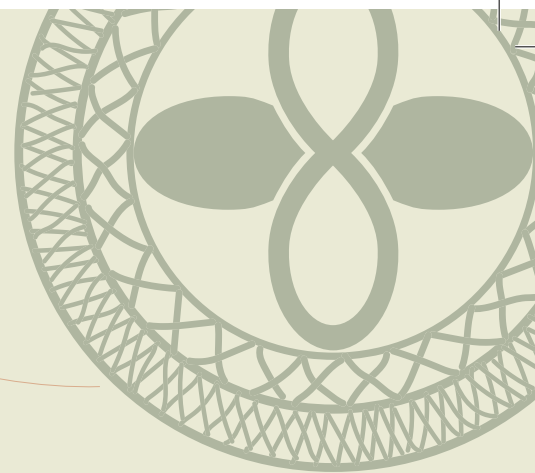
46



54



58



ÁRIO



ENTRE LINHAS E TERRITÓRIOS: TRAMAS QUE REINVENTAM A RENDA DE BILRO



Randal Martins Pompeu
Reitor da Universidade de Fortaleza

A Universidade de Fortaleza tem, em sua essência, o compromisso de formar profissionais cidadãos que empregam os saberes adquiridos em prol da transformação de sua realidade de vida e da sociedade. A 8ª edição do projeto Render-CE, celebrada nesta 2ª edição da revista, reafirma esse compromisso ao entrelaçar educação, cultura e responsabilidade social em uma experiência que ultrapassa os limites do campus e se inscreve no coração das comunidades cearenses.

Sob o tema “Entre Linhas e Territórios: tramas que reinventam a renda de bilro”, nossa Revista Render-CE convida você, leitor, a percorrer o caminho do conhecimento que nasce do encontro entre a Unifor e as cidades de Acaraú e Itarema, municípios litorâneos do estado do Ceará, um percurso tecido com saberes, histórias e afetos. A renda de bilro, símbolo da delicadeza e da força feminina, transforma-se aqui em metáfora viva da educação, a partir de um fazer paciente e coletivo em que cada fio representa a contribuição de um sujeito na construção de algo maior.

Ao longo desta edição, você descobrirá como os cursos da Unifor colocaram em prática princípios pedagógicos de aprendizagem ativa e significativa, interdisciplinaridade e extensão transformadora, aproximando os estudantes de contextos reais e socialmente relevantes. Foi nesse movimento de troca que as ações ganharam sentido, mediante o olhar sensível de alunos da Comunicação, o cuidado humanizado dos alunos de Odontologia, Fisioterapia, Farmácia e Educação Física, a criação de soluções tecnológicas e sustentáveis dos alunos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Ciência de Computação, Moda e Design, todos em colaboração com as artesãs formando uma rede de aprendizagem.

Nesta edição, a revista também celebra as novidades do projeto, com o desfile de moda colaborativo, fruto da parceria entre artesãs e alunos, e a exposição fotográfica que registra, sob o olhar dos estudantes, o percurso de criação, formação e transformação vivido nos territórios de Acaraú e Itarema. Cada imagem, depoimento e produto desenvolvido revelam que a educação é um ato de encontro, diálogo e reinvenção.

O Render-CE consiste em uma prática viva de educação cidadã que traduz o papel da universidade contemporânea, por integrar saberes, promover inclusão e inspirar inovação com propósito. Ao unir a Unifor, a Loja do Bem, o Shopping Iguatemi e as prefeituras de Acaraú e Itarema, consolidamos uma rede que acredita na potência da cultura local como motor de desenvolvimento de capital social e capital humano.

Que esta revista seja um registro e um convite: registro da memória afetiva e coletiva de uma experiência transformadora, e convite para que novas gerações de estudantes, professores e comunidades continuem tecendo, com criatividade e sensibilidade, as tramas de um Ceará que aprende, cria e se reinventa entre linhas e territórios.

ENTRE SABERES, LINHAS E TERRITÓRIOS

A APRENDIZAGEM QUE SE TECE
NO ENCONTRO

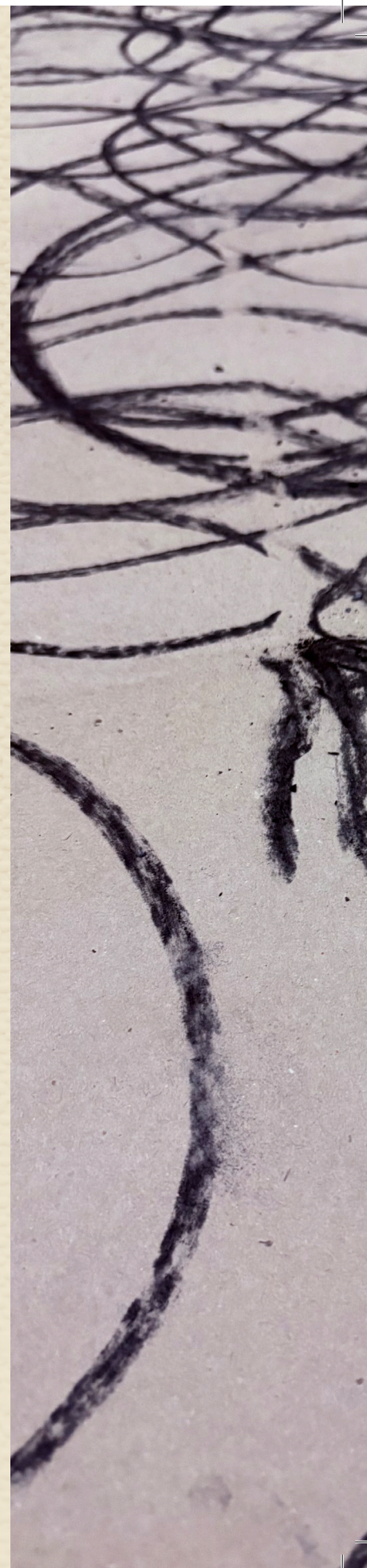


Katherinne de Macêdo Maciel Mihaliuc

Vice-Reitora de Ensino de Graduação e Pós-Graduação

Hoje, não lançamos apenas uma nova edição de um projeto — reafirmamos uma maneira de compreender o ensino e a aprendizagem. O Render-CE é um exercício vivo de educação que se constrói nas tramas do saber e do fazer, unindo a sensibilidade das rendeiras de Acaraú e Itarema à inquietação criativa dos nossos estudantes e professores. É nesse entrelaçar de fios e histórias que nascem os sonhos que inspiram esta 8ª edição.

Mais do que um projeto acadêmico, o Render-CE é uma experiência pedagógica interdisciplinar, em que o conhecimento se concretiza no diálogo entre saberes tradicionais e científicos, entre o território vivido e o espaço formativo da universidade. Cada fio de bilro, cada peça criada, cada gesto compartilhado traduz o que compreendemos por aprendizagem significativa: aquela que conecta o conteúdo à realidade do sujeito, tornando o saber útil, humano e transformador.





Nesta edição, a renda de bilro é ressignificada não apenas como artefato cultural, mas como linguagem de resistência, identidade e economia criativa. Através dela, revisitamos a história de mulheres que tecem, à beira-mar, o sustento e a memória de suas comunidades, e também a jornada de estudantes que, ao vivenciarem essa cultura, aprendem o sentido mais profundo de ser e de pertencer. Assim, o processo educativo transcende os limites da sala de aula e se amplia nos espaços onde o ensino se torna experiência e o conhecimento se faz presença.

A Unifor acredita no poder da educação transformadora, que desperta consciência, mobiliza afetos e constrói pontes entre mundos. Acredita nas rendeiras, guardiãs de uma tradição que ensina tanto quanto os livros. Acredita nos alunos, que assumem o papel de agentes culturais e sociais, levando o aprendizado para além dos muros da universidade. E acredita em cada docente, mentor e parceiro institucional que fortalece, com propósito e sensibilidade, essa rede de saberes e cooperação.

Que esta edição da Revista Render-CE seja feita não apenas de linhas e bilros, mas de laços — laços que unem universidade e comunidade, arte e conhecimento, memória e inovação. E que, ao final, possamos reconhecer em cada página o reflexo de uma pedagogia viva, construída coletivamente, que honra nossa história e se mantém corajosa para reinventá-la.





O ENCONTRO DOS SABERES

UNIVERSIDADE E COMUNIDADE EM MOVIMENTO



Professoras Milena Baratta e Rafaela Ponte

Assessoras de Apoio ao Discente da Vice-Reitoria de
Ensino de Graduação e Pós-Graduação

A Universidade de Fortaleza (Unifor) mais uma vez se destaca por integrar ensino, pesquisa e compromisso social em uma vivência interdisciplinar que articula saberes acadêmicos e conhecimento popular, valorizando a cultura local e promovendo a inovação tecnológica. A ação reuniu estudantes e professores de diversos cursos, que colocaram em prática seus aprendizados de forma colaborativa e experiencial, fortalecendo a tradição da renda de bilro e contribuindo para o desenvolvimento sustentável, criativo e humano das comunidades envolvidas.



No curso de Moda, os alunos aplicaram os princípios da aprendizagem baseada em projetos ao desenvolver produtos de vestuário inspirados na delicadeza e nas formas da renda de bilro. Os professores atuaram como mediadores do processo criativo, conduzindo oficinas de desenho, processos criativos e design autoral, estimulando a autonomia estética e o pensamento crítico dos discentes.

Já os estudantes de Design criaram peças de decoração e acessórios que traduzem uma releitura contemporânea da estética artesanal. A atividade promoveu a aprendizagem significativa, permitindo que o aluno compreendesse a aplicabilidade do design enquanto ferramenta cultural e social, conectando teoria e prática.

Os alunos de Arquitetura e Urbanismo contribuíram com a criação de mobiliário e elementos decorativos, além do painel instagramável e do projeto ex-

pográfico da mostra. O processo foi pautado na aprendizagem colaborativa e no exercício da visão espacial e estética integrada, articulando a dimensão técnica e a sensibilidade cultural. O curso também atuou em parceria com Engenharia Civil e Ciência da Computação, propondo soluções tecnológicas inovadoras voltadas à modernização das ferramentas de confecção da renda — uma ação que exemplifica o uso da tecnologia como mediadora do saber tradicional, sem descaracterizar o ofício artesanal.

Na área da comunicação, o curso de Publicidade e Propaganda foi responsável pela identidade visual da exposição, pela produção audiovisual e pela diagramação dos painéis expositivos. A experiência reforçou a aprendizagem por competências, ao integrar criatividade, planejamento e linguagem visual como recursos pedagógicos de valorização cultural. Já o curso de Jornalismo documentou o processo por meio da 8ª edição da revista Render-CE, além de realizar juntamente com o curso de



publicidade e propaganda uma exposição fotográfica que registrou o cotidiano e o olhar sensível das rendeiras — uma prática que estimula o letramento midiático e visual e consolida a formação cidadã do futuro jornalista.

A integração entre saúde e bem-estar também foi destaque. Estudantes de Fisioterapia aplicaram saberes da educação em saúde ao oferecer orientações ergonômicas para a prevenção de lesões, enquanto o curso de Educação Física promoveu aulas de alongamento e ginástica laboral, enfatizando o papel do movimento na aprendizagem integral e na melhoria da qualidade de vida. A Odontologia, por sua vez, realizou atendimentos de saúde bucal, reforçando a dimensão do cuidado humanizado e o impacto da saúde na autoestima. Encerrando a rede de saberes da saúde, o PET Farmácia conduziu oficinas de chás medicinais, integrando saberes científicos e tradicionais em uma perspectiva de educação ambiental e uso consciente dos recursos naturais.

Nesta edição, o projeto Render-CE trouxe também novidades marcantes. Um desfile de moda apresentou os vestuários desenvolvidos de forma colaborativa entre as artesãs e os alunos dos cursos de Moda e Design, numa experiência que uniu saberes tradicionais e contemporâneos em uma verdadeira celebração do fazer manual. Além disso, uma exposição fotográfica, produzida sob o olhar sensível dos alunos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, registrou todo o processo — das oficinas criativas às ações de saúde — revelando, por meio das imagens, a potência transformadora da educação e o protagonismo das mulheres rendeiras.

A 8ª edição da mostra reafirma o compromisso da Unifor com uma formação integral, interdisciplinar e transformadora, que articula teoria e prática, técnica e sensibilidade, ciência e cultura. Mais do que um exercício acadêmico, a iniciativa representa um exemplo de aprendizagem ativa e contextualizada, em que os estudantes se tornam protagonistas do conhecimento e agentes de transformação social.

INFINITO

ONDE FIOS TECEM HISTÓRIAS E LEGADOS



Ana Cristina Mendes

Artista visual, mentora da 8ª edição do Render-CE

Há fios que tecem mais que tecidos — tecem histórias. Há mãos que criam mais que rendas — criam legados. E há momentos que transcendem o tempo, conectando gerações em uma dança infinita de saberes e afetos.

Nesta oitava edição do Render-CE, a coleção “Infinito” nasce do símbolo que nos inspira: o 8, que representa não apenas a continuidade sem fim, mas a própria essência desta arte ancestral que se perpetua através das mãos de nossas rendeiras de Acaraú e Itarema, conectando passado e presente, tradição e inovação, memória e futuro.

Mergulhamos nas raízes profundas de uma arte que carrega em cada ponto a força de mulheres que, por gerações, transformam fios, paciência e simplicidade. Cada renda conta uma história. Cada nó preserva uma memória. Cada bilro ecoa a voz de nossas ancestrais.

Este é um projeto de resgate e celebração — não apenas da técnica milenar da renda de bilro, mas da alma criativa das mulheres cearenses que mantiveram viva esta chama através dos tempos.

O projeto Render-CE, em parceria com a Unifor, visa a cada edição construir pontes entre conhecimento acadêmico e sabedoria popular, entre universidade e comunidade, entre teoria e prática. Nesta edição, sob minha mentoria, criamos mais que uma comunidade criativa: tecemos elos e entrelaçamentos em que cada pessoa — alunas, alunos, professores e rendeiras — foi um fio essencial na urdidura de um grande tecido coletivo e afetivo. Os tra-

balhos desenvolvidos carregam a força dessa trama, pela qual todos os fios ganharam potência na dedicação de uma construção conjunta, resultando em criações que reúnem identidade, transformação e memória.

No dia 02 de dezembro, quando as peças ganharem os espaços de exposição, estaremos não apenas apresentando os trabalhos realizados — estaremos contando a história viva desse processo e estimulando um fazer infinito que une passado, presente e futuro.

A arte da renda de bilro, com sua delicadeza e força feminina, reverbera infinitamente potente, como o símbolo que nos inspira — sem começo, sem fim, se fortalecendo e gerando novas histórias.

A oitava Render-Ce é mais que um ação: é um ato guardião de nossa cultura, um abraço coletivo às nossas artesãs e uma promessa de continuidade para as gerações futuras.



Ana Cristina Mendes

render-
ce

INFINITO

PROJETO RENDER CEARÁ CHEGA AO LITORAL OESTE

OITAVA EDIÇÃO FOCA NA TRADIÇÃO DA
RENDA DE BILRO NOS MUNICÍPIOS DE
ACARAÚ E ITAREMA.



Eduarda Moraes

Aluna do curso de Jornalismo da Unifor





O contato com a renda de bilro e a interação com a cultura e história dos municípios de Acaraú e Itarema, municípios do litoral norte do estado do Ceará, foram os destaques da visita técnica que inaugurou a oitava edição do Projeto Render-CE, agora consolidado como uma das atividades de extensão da Universidade de Fortaleza (Unifor).

Contando com a parceria do shopping Igua-temi Bosque por meio da Loja do Bem, o Projeto Render Ceará busca conectar o universo acadêmico com a produção artesanal cearense oportunizando o reconhecimento e a consequente valorização dos saberes tradicionais do nosso estado.

A visita técnica em Acaraú e Itarema, distantes respectivamente 255 e 150 quilômetros de Fortaleza, aconteceu nos dias 29 e 30 de agosto deste ano.

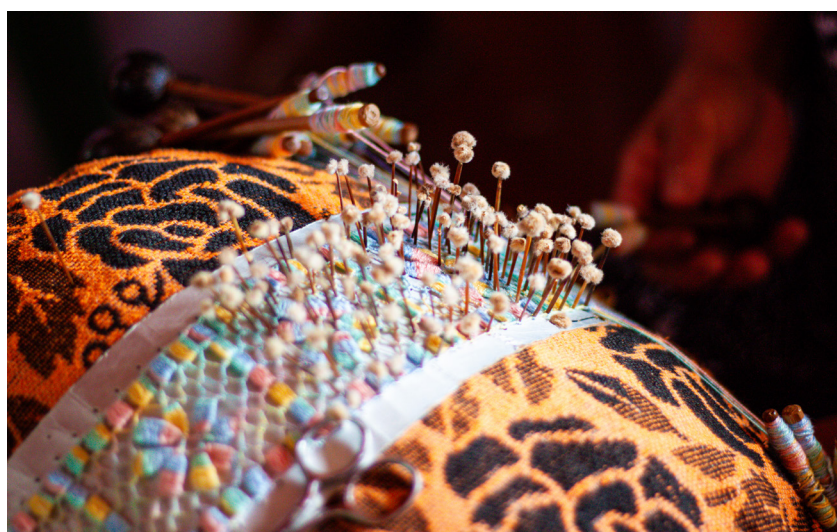
Com o tema “Processo Infinito”, esta etapa do Render Ceará foca nas produções feitas por rendeiras de bilro, em parceria com as secretarias da cultura dos municípios beneficiados.

A primeira parada foi realizada no Centro Vocacional Técnico (CVT) de Acaraú. No local foi promovido o primeiro encontro entre estudantes da Universidade de Fortaleza participantes do projeto e as rendeiras. A história e tradição da renda de bilro foi con-



tada pelo pesquisador especializado em artesanato e secretário da cultura do município, Thalles Walker, que asseverou que “valorizar a renda de bilro é valorizar a cultura das comunidades de Acaraú”. O secretário destacou que “a vida das mulheres rendeiras, as conversas nas calçadas, as trocas de saberes, são experiências de partida que perdemos ao longo da vida, quando começamos a migrar para as capitais... cuidar dessas mulheres é cuidar da renda das comunidades. As pessoas não têm ideia do impacto que qualquer pequena qualificação faz”, concluiu.

No segundo dia de visita técnica, os estudantes conheceram o Centro de Educação e Turismo Comunitário Encante do Mangue Curral Velho, uma comunidade tradicional pesqueira, localizada do litoral oeste e que, segundo a tradição dos moradores mais antigos, teve sua ocupação inicial em 1902 à beira da praia, em um local chamado Ilha das Imburanas. A comunidade se organizou em torno de atividades tradicionais de pesca, agricultura e, claro, artesanato.



Ao final do segundo dia a visita técnica da Unifor chegou a Itarema. Lá o artesanato é confeccionado e também utilizado pelas famílias que vivem nas regiões rurais do Município. Boa parte dessa tradição tem origem indígena Tremembé. Outros são

oriundos da miscigenação das etnias afrodescendentes e europeia. O nome Itarema é um topônimo ou alusão ao nome dado pelos índios por causa de uma pedra com forma de obelisco em alto mar que só era visível em maré baixa,





INFINITO

O FIO DA HISTÓRIA: COMO A RENDA DE BILRO CRUZOU OCEANOS E SE REINVENTOU NO CEARÁ

PRESERVAÇÃO DE UMA ARTE QUE SOBREVIVE
DESDE OS ALDEAMENTOS JESUÍTAS E HOJE TECE
OPORTUNIDADES PARA O FUTURO



Eduarda Moraes e Yasmin Boyadjian

Estudantes do curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza

No litoral cearense, o som cadenciado dos bilros ecoa como um legado vivo da história do artesanato da sociedade. Cada trama carrega séculos de tradição e história, que lutam para resistir nos tempos atuais.

Oriundo da transformação sócio-cultural da Renascença, período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, o bilro praticado na faixa litorânea do Ceará narra parte da história da chegada dos portugueses e a colonização.



A renda de bilro conhecida hoje tem registros em praticamente toda a Europa. O bilro que chega ao Brasil vem da Península Ibérica, especificamente, da cidade de Peniche, em Portugal.

Ainda na época das grandes navegações, o artesanato servia como distração para os 44 dias em alto-mar: enquanto os marinheiros eram encarregados do trabalho pesado dos navios, os homens da nobreza e do clero passavam o tempo dedicando-se a peças de couro, bordado, e a renda.

Ao chegarem ao Brasil, essas práticas foram incorporadas pelos jesuítas nos aldeamentos indígenas, que servia como práticas de sedentarização junto de atividades como a agricultura, teatro, e poesia, e logo se espalharam pela costa.

É durante o século XVIII que a renda de bilro chega nas mãos femininas. Com a divisão do trabalho pelo gênero, as mulheres ficaram encarregadas pelo trabalho artesanal.

No Ceará, há registros antigos da renda de bilro em aldeamentos nas

regiões de Aquiraz, Fortaleza, Trairi, Itarema, Acaraú e Camocim.

Para Thalles Walker, Secretário de Turismo e Cultura de Acaraú e pesquisador na área da história do artesanato, o município data um dos aldeamentos mais antigos do Ceará. “Aqui tem um aldeamento do século XVIII, na região de Almofala. Há descrições de padres jesuítas que falam sobre paramentos de altar feitos com a renda de bilro.”

Contudo, os registros da renda de bilro ainda são poucos. Thalles destaca que “por ser uma atividade tida como feminina, durante muito tempo, não houve a catalogação dessas atividades”.

A escassez de registros evidencia a falta de preservação do patrimônio cultural. Por muito tempo, as atividades tidas como manuais perderam seu espaço de apreço, principalmente com a mecanização do mercado de moda e a crise do algodão no Ceará, durante a década de 1980.

É nos anos de 1990 que a moda volta a ter outros olhos para a

renda de bilro. Com a valorização do “handmade”, a sociedade passa a buscar mais por produtos artesanais.

Thalles Walker, no entanto, destaca que “no litoral, isso acontece de uma forma diferente. A maioria dos programas e projetos voltados ao artesanato não davam autonomia para a artesã ser uma designer e desenhar suas próprias peças. Esses projetos colocam dentro de um ciclo produtor, onde o chefe é o designer que consegue montar uma marca, o que é bastante problemático”.

Outros pontos podem ser destacados como dificultosos para a valorização do artesanato no litoral: a homogeneização dos pontos de renda, e a figura exploratória de negociadores de produtos de bilro.

Para Thalles, “a figura do “atravessador” é muito nefasta. É uma pessoa que vem de Fortaleza, e ele faz uma negociação onde ele visita 10 rendeiras em busca de baratear o preço de compra. Ele não está preocupado em valorizar. Ele não está preocupado



Thalles Walker



com um longo prazo, nem com médio prazo, nem com a manutenção daquilo.”

O secretário também destaca a importância do poder público na valorização do patrimônio artesanal. “Principalmente no interior, muitas secretarias ainda são confundidas com secretaria de evento, e elas deixam a principal coisa que é o patrimônio de lado. E na Secretaria de Cultura, nossa função principal é preservar o patrimônio, seja através do fomento, seja através do incentivo, da documentação. Toda a política pública da cultura tem que entender que ela tem um objeto para trabalhar que se chama patrimônio.”

Visando a valorização da renda de bilro e a preservação do patrimônio cultural, os municípios de Acaraú e Itarema criaram, respectivamente, os projetos MAE (Mulheres Acarauenses Empreendedoras), e o Itaremar, que foram concebidos antes da chegada do Render-CE. Para Thalles, “o Render-CE apareceu como uma conexão divina, por-

que ela surgiu ali no momento em estávamos nos preparando para lançar os projetos. O projeto conseguiu se encaixar dentro das atividades do que prevíamos pro MAE e pro Itaremar.”

“O Render-CE, por sua vez, dentro desse campo fértil que são esses projetos, consegue florescer melhor, porque ali já vai entrar dentro de uma condição de que a gente já tem os mapeamentos, tem o diagnóstico feito, sabe quais são as comunidades que a gente tem que atingir, sabe quais são as rendeiras que tem que pegar, sabe qual o tipo de trabalho que elas tem que fazer e inclusive pega, é, um ciclo de resgate artesanal, que é o resgate da tramoia.”

Em busca de um resgate do saber tradicional e da valorização da renda de bilro, o projeto Render-CE se mostra como fio matriz de uma rede de conexão entre os municípios, trazendo à tona memórias que haviam ficadas perdidas no tempo, e recuperando o sentimento de pertencimento de mulheres rendeiras cearenses.



UM ENCONTRO ENTRE O SENTIR E O FAZER, ENTRE O DESENHO, A CRIAÇÃO E A RENDA

♦♦♦♦♦♦♦♦♦♦

Valeska Zuim e Ana Cláudia Farias

Professoras do curso de Moda da Universidade de Fortaleza

No traço, o gesto. No gesto, a criação. Foi nesse diálogo entre o olhar e as mãos que as rendeiras de Acaraú e Itarema vivenciaram uma imersão criativa na Universidade de Fortaleza. Entre linhas, café e massinhas de eva, nasceram novas formas de expressão e também o reencontro com a própria sensibilidade.

O projeto Render-ce, em sua missão de fortalecer as comunidades criativas do Ceará, realizou dois minicursos de formação artística voltados para as rendeiras dessas regiões, conduzidos pelas professoras Valeska Zuim e Ana Cláudia Farias, dos cursos de Moda da Unifor. As atividades aconteceram

nos laboratórios da universidade, em um ambiente de acolhimento e encantamento, onde as rendeiras puderam experimentar o espaço acadêmico como território de partilha, aprendizado e criação.

O minicurso de desenho básico, ministrado pela professora Valeska Zuim, apresentou o desenho como linguagem e descoberta, uma forma de reencontrar o próprio gesto, o ritmo e a delicadeza que existe em cada traço. As rendeiras foram convidadas a perceber o desenho como algo vivo, que nasce do olhar e se transforma em sentimento. A experiência da pintura com café tornou-se um dos momentos mais simbólicos: o cheiro, a cor e o movimento do





café sobre o papel criaram uma atmosfera de memória e afeto. O simples ato de desenhar se transformou em poesia visual, em lembrança e reencontro com o próprio fazer.

Já o minicurso de criação, conduzido pela professora Ana Cláudia Farias, trouxe à tona o gesto que nasce do sentir. As atividades buscaram despertar o potencial criativo, a intuição e o imaginário das participantes, resgatando o prazer do experimentar e o poder de transformar ideias em forma. Um dos momentos mais marcantes foi o exercício de modelagem com massa de EVA, que possibilitou às rendeiras dar corpo às suas criações, moldando, com as mãos, formas inspiradas em elementos da natureza e em lembranças pessoais. A materialidade do gesto despertou novas formas de pensar e de ver: cada pequena escultura parecia carregar um pedaço de história, de identidade e de sonho.

Durante os encontros, Valeska e Ana Cláudia viveram junto às rendeiras a emoção do processo criativo, num verdadeiro exercício de escuta e troca. Para Va-

leska, “ministrar o minicurso foi mais do que ensinar técnicas, foi testemunhar o momento em que o desenho deixa de ser forma e se torna voz, expressão e memória”. Ana Cláudia também destacou o poder simbólico do fazer manual, observando como a criação revelava sentimentos guardados: “foi bonito ver as rendeiras se permitirem criar, brincar, modelar com as mãos e reconhecer que o gesto é também uma forma de pensar o mundo”.

Entre os depoimentos emocionantes, a fala da rendeira Conceição Santos traduz de forma sensível o que esse encontro representou:

“Pra mim foi uma experiência que acrescentou muito conhecimento. A pintura com café foi algo único, que despertou em mim o desejo de criar novas peças, como se tivesse aberto um leque de possibilidades que eu nem imaginava mais existir.”

Ela também relatou a importância da vivência com a massinha de modelar:



“Aquela atividade com a massinha foi como uma viagem no tempo. Eu nunca tinha feito aquilo, e de repente percebi que também posso criar uma peça, que posso inventar. Fiz até uma saia com a massa! E aí me veio aquela menina que sonhava, que gostava de criar e que estava adormecida. Esse curso acordou ela dentro de mim. Hoje sinto vontade de pintar, de desenhar, de criar. Aproveitei cem por cento de tudo que vivi aí.”

Essas palavras ecoam o verdadeiro sentido dos minicursos:

o reencontro com a potência criadora que habita cada pessoa, mesmo quando o tempo e o costume parecem adormecê-la. O Render-ce se fez, assim, como um espaço de revelação, um tempo de pausa, escuta e invenção, onde o traço e o gesto se tornaram caminhos de cura, beleza e troca.

Entre o som dos bilros, o cheiro do café e o toque da massa nas mãos, nasceram não apenas novas formas, mas novos olhares sobre o que é criar.

The background of the entire page is a blurred photograph of students in a classroom. Overlaid on this is a stylized world map composed of white dots. Several small circular icons, each containing a stylized building or tower, are scattered across the map. A larger, semi-transparent circular icon with a similar building symbol is positioned near the center-left of the map.

Unifor conecta você ao *mundo*

Na Universidade de Fortaleza, o seu futuro ultrapassa fronteiras. Com mais de **140 parcerias internacionais**, oferecemos a oportunidade de viver jornada acadêmica global.



Conheça todas
as nossas
experiências
internacionais

● ▲ ▶ ● unifor.br



☎ (85) 3477-3000
📞 (85) 99246-6625

in f x Uniforoficial
d @ v Uniforcomunica



Unifor

SORRISO QUE TRANSFORMA

ODONTOLOGIA DA UNIFOR
LEVA SAÚDE E AUTOESTIMA ÀS
ARTESÃS DA RENDA DE BILRO



Saulo Ellery Santos

Coordenador do curso de Odontologia da Universidade de Fortaleza

Mais do que promover sorrisos saudáveis, o curso de Odontologia da Universidade de Fortaleza levou conhecimento, acolhimento e dignidade a mulheres que fazem da arte um modo de viver. Integrando ensino, prática e compromisso social, nossos alunos participaram de uma ação especial com as artesãs da renda de bilro, dentro do projeto Render-CE.

A experiência começou nas cidades de Acaraú e Itarema, no litoral oeste do Ceará, onde vivem muitas das rendeiras participantes. Estar nesses territórios foi fundamental para que os estudantes compreendessem o contexto social, econômico e cultural dessas mulheres. Essa imersão permitiu uma aprendizagem mais sensível, situada e significativa, em que o conhecimento nasce do encontro com a realidade e do diálogo com a comunidade.

Durante a visita, foi realizado o primeiro diagnóstico de saúde bucal, revelando necessidades importantes e desafios comuns entre as artesãs. A partir desses dados, planejamos a triagem odontológica, etapa essencial que deu origem à ação de atendimento e prevenção no espaço do projeto Render-CE nas clínicas odontológicas da Unifor.

Na triagem, os alunos, acompanhados pelos professores, colocaram em prática os conteúdos estudados sobre anamnese, diagnóstico e cuidado preventivo. A atividade reforçou a importância da formação que une teoria e vivência real, permitindo ao estudante perceber o impacto direto do seu conhecimento na vida das pessoas.

Com base nessa análise, cada rendeira recebeu um planejamento de tratamento individualizado, elaborado a partir das necessidades individuais de



cada rendeira. Cada caso se transformou em um desafio pedagógico, exigindo domínio técnico, sensibilidade, empatia e compromisso ético, pilares de uma formação humanizada em saúde.

Ao longo dos encontros, os estudantes também realizaram ações educativas sobre a importância da saúde bucal para o bem-estar e a autoestima. O diálogo sobre autocuidado e confiança mostrou que o sorriso vai muito além da estética: ele expressa identidade, dignidade e força.

Encerrando o ciclo, cada artesã recebeu um kit de higiene bucal, gesto simples, mas carregado de significado. Ele reforça o compromisso da Universidade com o acesso à saúde e com a educação para

o cuidado contínuo, especialmente entre mulheres de baixa renda.

Para nossos alunos, a vivência em Acaraú, Itarema e Fortaleza foi uma verdadeira aula de campo interdisciplinar, onde teoria, prática e sensibilidade caminharam juntas. A ação reafirma o papel da extensão universitária na formação integral, que ensina não apenas a fazer, mas a compreender o sentido do que se faz.

O projeto Render-CE segue como um elo entre arte, educação e inclusão, colocando o saber acadêmico a serviço da comunidade. E cada sorriso cuidado passa a ser também um ato de valorização da cultura, da mulher e da vida.



QUANDO O SABER VIRA RENDA: UNIVERSITÁRIOS DA UNIFOR NO RENDER-CE

EM SEUS RELATOS, ELES REVELAM
APRENDIZADOS, DESAFIOS E
ENCANTAMENTOS VIVIDOS AO LADO DAS
RENDEIRAS CEARENSES



Yasmin Boyadjian

Estudante do curso de Jornalismo da Unifor

Nesta 8ª edição do projeto Render-CE, estudantes de diferentes cursos da Universidade de Fortaleza (Unifor) uniram criatividade, técnica e sensibilidade em uma experiência transformadora. Acadêmicos de Odontologia, Moda, Arquitetura e Urbanismo, Jornalismo e Design compartilharam suas vivências ao lado das rendeiras de bilro do Ceará, revelando como a arte, a tradição e o conhecimento acadêmico se entrelaçam em um mesmo fio.

Confira, a seguir, os relatos de Manoel Domingos (estudante de Odontologia), Nelson Rodrigues (estudante de Moda), Rayssa Onofre (estudante de Arquitetura e Urbanismo), Clarisse Maciel (estudante de Jornalismo) e Marjorie Menescal (estudante de Design), e descubra como o Render-CE tem inspirado novas formas de olhar, criar e valorizar o saber artesanal cearense.

1. Como surgiu seu interesse em participar do projeto Render-CE?

Manoel Domingos - Meu interesse surgiu ao perceber que essa profissão é majoritariamente composta por mulheres idosas

de uma comunidade distante. Como acadêmico de Odontologia, achei pertinente participar para analisar e compreender melhor a saúde bucal dessas mulheres. Além disso, descobri recentemente que minha bisavó fazia renda, o que despertou ainda mais minha curiosidade sobre o processo. Assim, uniu-se o interesse profissional com um aspecto afetivo da minha própria história familiar.

Nelson Rodrigues - O projeto Render-ce é bem comentado nos cursos de moda, então acabou por me cativar. Quando abriram as inscrições e vi que seria renda de Bilro, não pensei duas vezes. É um dos artesanatos que mais me fascina. Já sou artesão, trabalho com Crochê e Richelieu, e assim quis desbravar esse outro mundo da renda de bilro.

Rayssa Onofre - Meu interesse pelo projeto nasceu a partir da experiência de um colega de classe que participou no semestre anterior. Acompanhei de perto o processo de criação e produção das peças dele e fiquei profundamente inspirada pela proposta. Ver como o pro-

jeto unia criatividade e técnica despertou em mim a vontade de vivenciar essa experiência.

Clarisse Maciel - Eu sempre fui muito chegada em fotografia, é uma área que eu gosto muito. Já conhecia o Projeto Render-CE de outros semestres e sempre admirei a proposta. Além disso, eu também gosto bastante de moda e de tudo que envolve expressão cultural e artística. Quando vi que, neste semestre, a parte de jornalismo do projeto seria voltada para a produção de um ensaio fotográfico, achei a ocasião perfeita para juntar várias coisas que eu amo: a moda, a arte, a cultura, a nossa expressão cearense e a fotografia. Sempre que aparece uma oportunidade de usar minhas habilidades fotográficas dentro da universidade, de um jeito mais livre, mais voltado pro que eu gosto, eu me empolgo em participar. Então, por isso, achei o projeto muito interessante e quis fazer parte.

Marjorie Menescal - Vejo no projeto uma combinação de diferentes áreas que sempre me despertaram interesse, que são

o artesanato, nosso território e o design. O Render-CE tem em si uma missão muito bonita, que é a de abrir caminhos para a preservação das manualidades típicas cearenses, permitindo que as artesãs possam ter meios de subsistência, renda e qualidade de vida garantidos através da venda de suas peças. Levar o conhecimento universitário para ser somado aos saberes geracionais dessas mestras, possibilita renovação com respeito à nossa própria história e tradição cearense.

2. Como a experiência no projeto Render-CE colocou em prática a experiência técnica adquirida durante o curso?

Manoel Domingos - A participação no projeto permitiu avaliar de forma mais precisa o estado de saúde oral das participantes e, a partir disso, orientá-las quanto ao uso correto de medicamentos ou fitoterápicos para o alívio de dores odontológicas. Também pude realizar ações de educação em saúde, com instruções básicas de higiene oral, fundamentais em contextos onde o acesso ao tratamento odontológico

é limitado por questões sociais, mesmo com a oferta do SUS.

Nelson Rodrigues - Na grade curricular temos disciplinas de modelagem, processos criativos, desenhos de moda e técnico, e no projeto Render-Ce precisei usar todo esse conhecimento para a elaboração da minha proposta. Assim consegui ver na prática como aplicar os conhecimentos que venho adquirindo.

Rayssa Onofre - Desde a concepção da peça até a definição das soluções de montagem, todo o processo exigiu a compreensão sobre materiais, dimensionamento e técnicas construtivas. Cada etapa reforçou a importância da base teórica e prática desenvolvida na graduação para transformar ideias em resultados tangíveis.

Clarisse Maciel - Eu pude colocar em prática muita coisa que aprendi ao longo do curso. A gente teve várias aulas de fotografia, eu, inclusive, fiz duas cadeiras de fotografia, sendo uma delas de fotografia de moda, e também fui monitora. Então, no Render-CE, eu consegui aplicar

de fato tudo isso. O mais interessante é que foi em um ambiente bem diferente do que eu estava acostumada. Lá, a gente estava fotografando enquanto tudo acontecia, era quase uma cobertura fotográfica. O ensaio era sobre as rendeiras, mas a gente registrava elas no momento em que estavam rendendo, conversando, produzindo as peças... então tive a experiência real de captar o instante. Além disso, também foi uma oportunidade de trabalhar com fotografia de moda de um jeito diferente, já que as rendas também fazem parte desse universo. Foi muito legal ver tudo isso na prática.

Marjorie Menescal - Consegui aplicar na prática o que aprendi nas aulas de metodologia científica, fazendo uso de ferramentas inovadoras, como o design thinking. Essa abordagem busca solucionar problemas de forma criativa, com empatia e focada no ser humano. Ao visitar as artesãs, pude conhecer um pouco mais não apenas sobre a renda de bilro em si, mas também sobre suas histórias, com quem aprenderam a fazer o bilro, suas peças e técnicas preferidas, o

que me possibilitou compreender e me aproximar um pouco mais do que essas mestras poderiam produzir com maior habilidade e destreza. Através da escuta ativa e de todas as trocas que tive ao longo desse processo, consegui chegar à concepção do meu projeto com uma solução construída de forma empática e colaborativa.

3. O que mais lhe surpreendeu durante sua participação no projeto? Qual foi seu maior desafio?

Manoel Domingos - O que mais me surpreendeu foi a história por trás da arte de render, uma tradição que atravessa séculos e permanece viva, apesar das dificuldades. O maior desafio, por sua vez, foi a falta de recursos para planejar ações específicas na área odontológica, já que essa atuação exige materiais e instrumentos próprios que nem sempre estavam disponíveis.

Nelson Rodrigues - Meu maior desafio foi a peça em si. Quando me falaram que biquíni normalmente não vende, fiz questão de fazer biquíni. Então fui entender, fui pesquisar para saber o porquê que não vendia, pesquisei modelos que a persona gosta-

ria, que as mulheres que se encaixam no perfil de consumidor da Loja do Bem. E literalmente unir uma malha com uma renda é algo desafiador. Acredito que esse tenha sido meu maior desafio, em ínterim, a edição é “Infinito”, o que me faz pensar que mesmo para ser infinito, uma hora precisei existir, precisei vir de algo para então tornar-me infinito. Eu venho do litoral, e esses biquínis trazem a essência do meu infinito para o Infinito nesta 8ª edição.

Rayssa Onofre - O que mais me surpreendeu foi o nível de conhecimento técnico e a autonomia das rendeiras envolvidas. A experiência e a sensibilidade delas em relação ao projeto permitiram uma compreensão imediata das propostas, o que tornou a colaboração entre estudantes e rendeiras muito fluida e natural. O maior desafio, nesse contexto, foi acompanhar o ritmo preciso e detalhado do trabalho artesanal, buscando garantir que o design dialogasse de forma respeitosa e coerente com o saber tradicional.

Clarisse Maciel - O maior desafio foi justamente fotografar enquanto tudo acontecia, com

muita coisa rolando ao mesmo tempo. As rendeiras estavam produzindo, conversando com os alunos, e a gente precisava registrar aquilo sem interromper o fluxo. Não era um ensaio montado, então a gente teve que se adaptar ao que estava acontecendo ali na hora e se virar com o que tinha. Mas o que mais me surpreendeu foi conhecer mais de perto a renda de bilro, entender a história das rendeiras, o trabalho delas e o que inspira cada uma. A viagem para Acaraú e Itarema foi incrível, poder ter esse contato direto com a cultura, com a vida delas, e ver de perto o significado daquilo tudo foi uma experiência muito rica e inspiradora.

Marjorie Menescal - O que mais me encantou foi a força feminina das artesãs que tomaram a frente na construção do meu projeto, Cosma e Maria. Ambas abraçaram minha ideia desde o início e se disponibilizaram a lhe darem vida e forma. Me surpreendeu muito a vontade de inovar e produzir algo que, mesmo que pudesse soar desafiador, o executaram com muita maestria. Minha admiração infinita a essas mulheres que produzem

obras tão incríveis mesmo com uma vida tão agitada, cuidando de suas casas e famílias. Dentre os desafios enfrentados, acredito que o que mais se destaca é o tempo. Meu projeto acabou sendo o maior em relação a quantidade de rendas produzidas nessa edição, o que se mostrou como uma situação que exigiu maior agilidade tanto na fase projetual quanto na confecção das faixas da varanda. Ao desenvolver o desenho a ser construído com o bilro, precisei levar em consideração a carga de trabalho para garantir que a peça estaria pronta em tempo. Tive de buscar onde o design e o tempo hábil de produção poderiam se encontrar, ainda levando o tema "Infinito" em consideração.

4. Quais são suas expectativas para a fase final do projeto?

Manoel Domingos - Acredito que o projeto pode contribuir para que a arte dessas mulheres alcance novos espaços, cidades e estados, considerando a influência regional da Unifor. Seria extraordinário se a universidade pudesse incorporar disciplinas ou até uma pós-graduação voltada à arte da renda, em colaboração com as ren-

deiras de Acaraú. Com incentivo institucional e privado, essa tradição poderia atingir novos patamares de reconhecimento.

Nelson Rodrigues - Estou muito empolgado para ver como tudo ficou, todo o trabalho não só meu, como de todos da equipe, das artesãs. Ver como tudo isso se concretizou e ter a certeza de que as rendeiras terão mais possibilidades para o uso de seus trabalhos.

Rayssa Onofre - Minhas expectativas para a fase final do projeto são muito positivas. Acompanhar de perto o processo de produção, tanto da minha peça quanto das criações das minhas colegas, foi uma experiência enriquecedora, que revelou o empenho e a dedicação de todos os envolvidos. Ver o cuidado das rendeiras em cada detalhe e o comprometimento coletivo em alcançar um resultado que una

técnica, sensibilidade e respeito ao ofício me deixa confiante. Espero que a exibição final traduza todo esse esforço e que as rendeiras se sintam valorizadas e orgulhosas pelo trabalho realizado em conjunto.

Clarisse Maciel - Eu espero muito que a exposição fotográfica dê tudo certo, que as fotos tenham ficado boas e que conversem com os produtos e trabalhos



dos outros grupos. Quero que o resultado final consiga transmitir um pouco do nosso olhar artístico e da experiência que foi participar desse projeto, que foi realmente muito especial.

Marjorie Menescal- Quero muito poder ver o fruto dos nossos esforços, o meu e das artesãs, exposto ao mundo, porque sei que ele merece essa visibilidade. Essas mulheres, que muitas vezes

aprenderam o ofício da renda com suas mães e avós - que, por sua vez, aprenderam também com as mulheres de sua família que as antecederam - enfrentam uma indústria voraz que não entende o valor real de um trabalho manual. O Render-CE, junto à Loja do Bem, visa não apenas exaltar a importância da preservação dessas técnicas centenárias, mas também incentiva a inovação ao mostrar que o

bilro pode e deve estar inserido no mercado atual. Além disso, mostra que as artesãs responsáveis pela preservação dessa memória merecem poder viver de sua arte de forma digna e feliz. Espero poder contribuir para a perpetuação da renda de bilro como símbolo da nossa história cearense.



EXPOSIÇÃO “RENDER-CE: INFINITO”

Jari Vieira

Professor dos cursos de Publicidade e Propaganda
e Jornalismo da Universidade de Fortaleza

A exposição do Render-CE, desenvolvida pelos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), tem como essência a vivência do território cearense através da prática criativa e do olhar sensível dos estudantes. A iniciativa propõe a fotografia como instrumento de leitura e interpretação do espaço, possibilitando que os alunos se tornem mediadores entre a experiência acadêmica e as realidades socioculturais do Ceará.

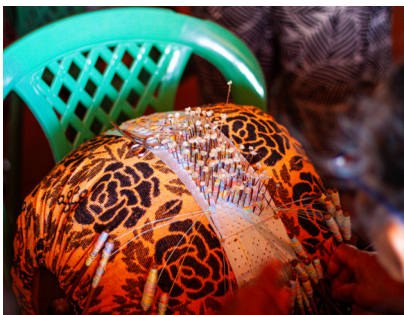
A experiência de orientar os alunos na documentação fotográfica e audiovisual do Render-CE foi, antes de tudo, um exercício de escuta e presença. Registrar o processo dessa 8ª edição exigiu muito mais do que técnica — exigiu imersão, sensibilidade e compreensão do território. Quando chegamos a Acaraú e Itarema, não levamos apenas câmeras e roteiros. Levamos o compromisso de entender a vida que pulsa por trás de cada ponto de bilro, de cada olhar e de cada gesto das rendeiras que guardam, em suas mãos, a história de um povo.





Os municípios de Acaraú e Itarema, situados no litoral norte do Estado, foram escolhidos como território de imersão por reunir elementos singulares da cultura, da economia e do imaginário cearense. Conhecidas por sua relação com o mar, pelos ofícios tradicionais e pela força de sua gente, tornaram-se um cenário vivo para o exercício da observação e da escuta. A experiência de campo, nas visitas às comunidades de Curral Velho em Acaraú, Porto dos Barcos e Almofala em Itarema permitiu que os participantes compreendessem a fotografia não apenas como técnica, mas como forma de encontro e diálogo.

As imagens apresentadas nesta exposição são resultado desse processo de imersão, em que o olhar do estudante se transforma diante da realidade que o cerca. Cada fotografia é uma leitura particular, carregada de impressões, silêncios e descobertas. A curadoria buscou evidenciar essa pluralidade, privilegiando tanto o olhar documental, que revela o cotidiano em sua simplicidade, quanto o olhar poético, que transforma o real em metáfora e emoção.



A seleção das obras seguiu um princípio de diversidade estética e narrativa. Em vez de uniformizar estilos, optou-se por preservar a identidade de cada autor, valorizando o gesto individual dentro de um conjunto coletivo. Essa variedade de temas e composições expressa o desejo de compreender Acaraú em suas múltiplas dimensões: cultural, humana, ambiental e afetiva.

A curadoria também teve o propósito de estimular o exercício da autoria e da responsabilidade visual. Cada fotografia representa uma escolha ética e estética: o enquadramento, a luz, o gesto e o instante revelam a sensibilidade do olhar, mas também o respeito pelo outro e pela paisagem. Nesse sentido, a mostra convida o espectador a refletir sobre o papel do fotógrafo como narrador e participante da realidade, e não como mero observador distante.

Ao ocupar o espaço do Shopping Iguatemi Fortaleza, a exposição amplia o alcance do projeto, levando a produção acadêmica para além dos muros da universidade. O encontro com o público amplia o diálogo entre educação, arte e sociedade, possibilitando que o

visitante reconheça nas imagens fragmentos de sua própria identidade regional. A presença das fotografias em um ambiente de circulação cotidiana transforma o shopping em espaço de contemplação e pensamento, onde o olhar se desacelera diante da força da imagem.

O Projeto Render-CE reafirma, assim, o compromisso da UNIFOR com a formação integral de seus alunos, articulando conhecimento técnico, reflexão crítica e sensibilidade social. A prática fotográfica, nesse contexto, torna-se uma ferramenta de experimentação e de pertencimento, capaz de despertar no estudante o desejo de compreender o mundo por meio da arte e da comunicação.

Cada imagem é um convite à observação e à escuta. Mais do que registrar uma paisagem, os alunos captaram atmosferas, gestos e silêncios que revelam a essência do lugar. A exposição é, portanto, um testemunho do poder da fotografia como linguagem de aproximação e empatia — um exercício coletivo de ver, sentir e narrar o Ceará a partir do olhar de quem aprende a enxergar com o coração e com a luz.



EXPERIÊNCIA DO PROJETO RENDER-SE TECNOLOGIA



Daniel Marques Arruda

Professor de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Fortaleza

Madalena Osório Leite da Silva

Professora do curso de Engenharia Civil da Universidade de Fortaleza

O Projeto Render-CE Tecnologia teve como propósito aproximar o conhecimento acadêmico das práticas culturais tradicionais, aplicando ciência e tecnologia para propor soluções que facilitassem o trabalho das rendeiras e contribuíssem para a continuidade da renda de bilro nas novas gerações. Diante desse cenário, o projeto convidou os estudantes a propor novas formas de produção, que unissem o respeito à tradição e o uso de tecnologias contemporâneas.

O projeto desafiou os participantes a refletirem sobre dois elementos fundamentais desse ofício: o cartão-guia, utilizado como base para a execução dos pontos da renda, e o bilro, instrumento que conduz o movimento e define o ritmo da confecção. Soma-se a isso o fato de que o material utilizado na confecção dos gabaritos se deteriora com o tempo, comprometendo a repetibilidade e a precisão das peças produzidas. Além disso, os bilros tradicionais, feitos de madeira e de sementes de buriti, enfrentam atualmente a dificuldade de obtenção desse material, cada vez mais escasso na natureza.



As equipes foram formadas por alunos de diferentes cursos e orientadas por professores, que trabalharam para desenvolver respostas técnicas e culturais às questões apresentadas no edital. Antes do início do desenvolvimento, houve uma reunião com o Secretário de Cultura e Turismo de Acaraú, Thalles Walker, que compartilhou experiências e observações sobre as condições de trabalho das rendeiras e a importância de garantir a continuidade dessa tradição. Em seguida, as rendeiras convidadas das cidades de Acaraú e Itarema participaram de um encontro na universidade, demonstrando o processo de confecção e explicando como o cartão e o bilro são utilizados na prática. Esse diálogo orientou o olhar dos alunos e deu sentido ao caráter social e colaborativo da proposta.

Com base nessas interações, os grupos avançaram para as fases de estudo, modelagem e prototipagem, utilizando os recursos do Laboratório de Inovação e Prototipagem (LIP) da Universidade de Fortaleza. No laboratório, aplicaram técnicas de modelagem digital, impressão 3D e testes de materiais, articulando conhecimentos de Arquitetura, Engenharia e Design. O processo envolveu planejamento, tomada de decisões e resolução de problemas, características essenciais para o exercício profissional.

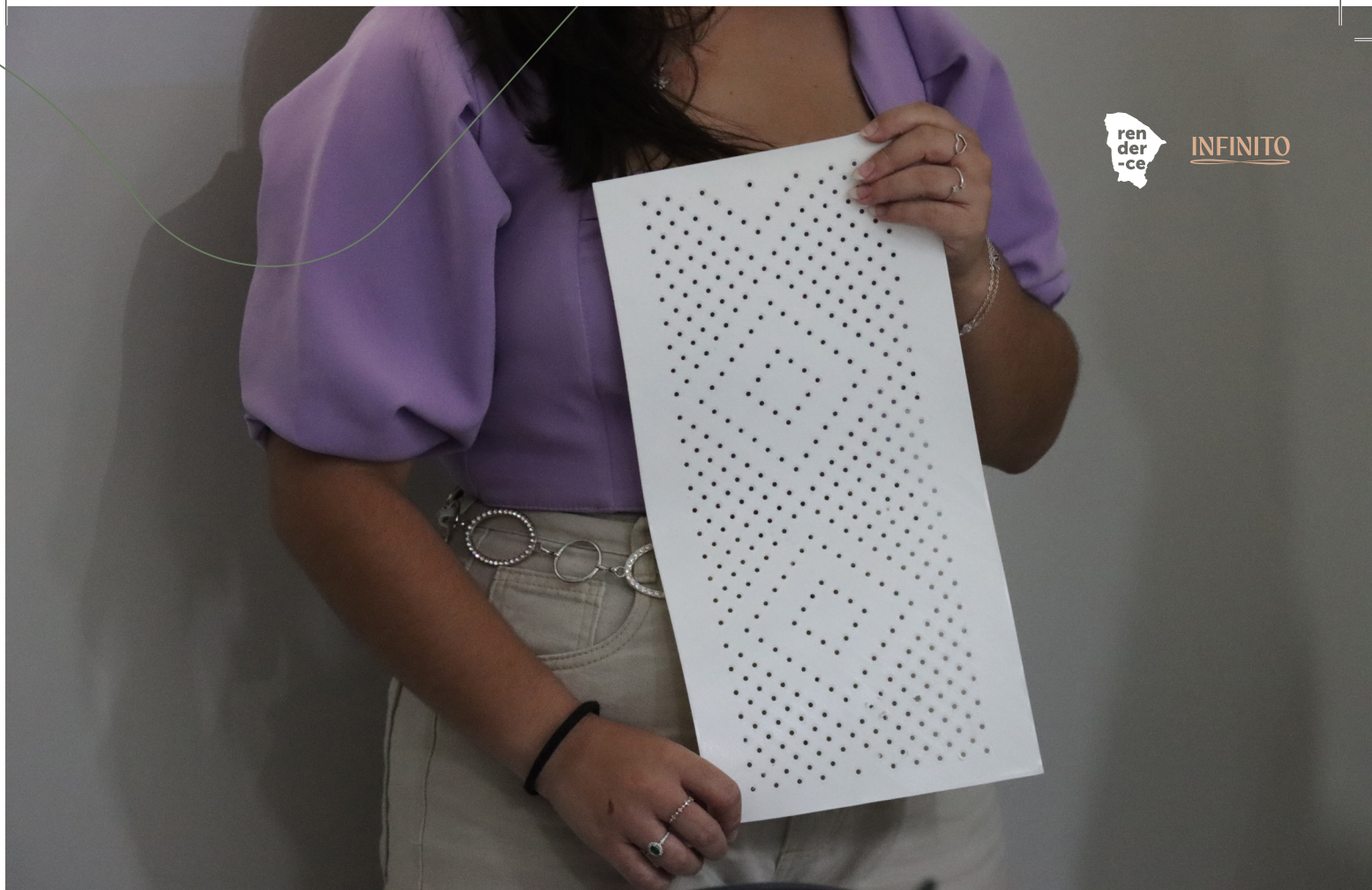
Ao lidar com a materialização de suas ideias e com as inevitáveis limitações impostas pelo contexto real, sejam técnicas, econômicas ou sociais, os estudantes passaram a compreender o caráter processual

do projeto e a necessidade de constantes ajustes e tomadas de decisão fundamentadas. Essa experiência aproximou a formação acadêmica da prática profissional, permitindo que os alunos percebessem que projetar é um ato que envolve análise, experimentação e responsabilidade diante de demandas concretas.

Outro aspecto relevante é o estímulo à interdisciplinaridade, uma vez que a resolução dos problemas propostos demanda a colaboração entre colegas de diferentes áreas do conhecimento. Essa dinâmica reproduz, em escala acadêmica, as condições reais de trabalho em equipe que caracterizam o campo profissional, sobretudo nas áreas de tecnologia, onde arquitetos, engenheiros e outros especialistas interagem de forma constante e integrada.

Ao final, os projetos foram apresentados a uma comissão julgadora multidisciplinar, composta por professores e representantes. As propostas buscaram atender às duas frentes principais, o aperfeiçoamento do bilro e do cartão-guia, e mostraram como o uso de tecnologias acessíveis pode fortalecer o trabalho artesanal e torná-lo mais sustentável ao longo do tempo.

Essa vivência reforçou a compreensão do papel social da universidade, ao integrar ciência, cultura e responsabilidade. O Render-se Tecnologia mostrou que é possível preservar saberes tradicionais e, ao mesmo tempo, desenvolver soluções inovadoras, com o fortalecimento do vínculo entre o ensino e a valorização do patrimônio cultural cearense.



ren
der
-ce

INFINITO





Unifor



INFINITO





INFINITO



Unifor



CUIDAR, APRENDER E TRANSFORMAR

A SAÚDE COMO FIO QUE TECE O
HUMANO



Lia Maria Brasil de Souza Barroso
Diretora do Centro de Ciências da Saúde – CCS

Participar, pela segunda vez, do Render-CE representa, para o Centro de Ciências da Saúde da Unifor, muito mais do que uma parceria institucional: é a reafirmação de um compromisso ético, pedagógico e humano com a formação integral dos nossos estudantes. Nesta 8ª edição, a presença ampliada dos cursos de Farmácia, Odontologia, Fisioterapia e Educação Física traduz o desejo do nosso Centro de contribuir, de forma cada vez mais integrada, para o fortalecimento da saúde, da cultura e do bem-estar das comunidades de Acaraú e Itarema.

O projeto tem se revelado um laboratório vivo de aprendizagem, em que teoria e prática se entrelaçam, e o cuidado se manifesta como expressão de vínculo e escuta. A vivência junto às rendeiras e às comunidades parceiras oportuniza o que há de mais potente na formação em saúde: o encontro humano. É nesse espaço de troca que nossos alunos desenvolvem competências socioemocionais, ampliam sua empatia e aprendem a olhar o outro em sua totalidade — não apenas como corpo biológico, mas como sujeito social, histórico e cultural.



A participação do CCS no Render-CE é, também, um exercício de aprendizagem significativa e experiencial, em que o conhecimento se constrói a partir da realidade concreta e do diálogo entre saberes. Nossos alunos experimentam, nesse contexto, o valor da interprofissionalidade, atuando em equipes diversas, em que cada área contribui com sua visão e seu cuidado, compondo uma prática colaborativa e integradora.

A Odontologia, ao realizar as triagens e acompanhamentos, reforça a importância da saúde bucal como parte essencial da qualidade de vida; a Fisioterapia, com suas ações preventivas e de bem-estar, oferece cuidado e escuta; a Educação Física desperta o corpo em movimento e o prazer de viver com saúde; e a Farmácia, ao orientar e promover o uso racional de medicamentos, fortalece a autonomia e a segurança da comunidade. Juntas, essas áreas compõem um mosaico de cuidado, alinhado ao conceito ampliado de saúde e à missão educativa da universidade.

Acreditamos que o Render-CE é mais que um projeto — é uma experiência formativa que conecta a ciência ao território, o conhecimento à sensibilidade, e o ensino ao compromisso social. Ele amplia o campo de aprendizagem, fazendo com que nossos estudantes desenvolvam soft skills fundamentais, como a comunicação empática, a colaboração, a escuta ativa e o pensamento crítico-reflexivo — habilidades essenciais para o profissional de saúde do século XXI.

Concluimos esta participação com o sentimento de que cada encontro, cada gesto e cada atendimento realizado nesta edição deixaram marcas profundas — nas comunidades e em nossos futuros profissionais. O Centro de Ciências da Saúde da Unifor segue comprometido em fortalecer iniciativas que humanizam o cuidado, aproximam a universidade das pessoas e formam profissionais capazes de compreender que cuidar é, antes de tudo, reconhecer o outro e aprender com ele.

ENTRE FIOS E TRAMAS: A HISTÓRIA DE MULHERES RENDEIRAS TRANSPASSADAS PELO BILRO

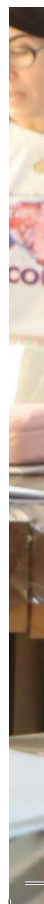
A RENDA QUE MARCA GERAÇÕES DE FAMÍLIAS
DO LITORAL OESTE, E EVIDENCIA O AMOR PELO
ARTESANATO



Eduarda Moraes

Estudante do curso de Jornalismo da Unifor

Durante a tarde do dia 9 de setembro, as habilidades manuais foram o destaque. No bloco G, ou mais conhecido como bloco da moda, da Universidade de Fortaleza, estudantes e rendeiras participantes do projeto Render-CE participaram de atividades que despertavam a criatividade e traziam à tona o fazer manual.



Em uma sala, os alunos integravam a oficina de renda de bilro, ministrada pelo pesquisador da história do artesanato e secretário do Turismo e Cultura de Acaraú, Thalles Walker. Em uma outra sala, rendeiras participavam da oficina de desenho, entre aprendizados e risadas.

Entre um desenho e outro, captava o momento pela lente da câmera. Aos poucos, as mulheres perdiam a timidez, e posavam orgulhosas segurando seus cadernos de desenho. “Passou perfume para a foto sair cheirosa?”, brinca uma delas.

Enquanto desenhavam e aprendiam mais sobre os traços apresentados na oficina, duas mulheres rendeiras, figuras importantes das comunidades de Acaraú e Itarema, me concederam a honra de compartilhar suas histórias.

Aos 27 anos, Auriane, nascida em Trairi e moradora de Itarema, carrega nas mãos uma tradição que começou muito antes dela. Rendeira desde os nove anos de idade, aprendeu a arte da renda de bilro observando e repetindo os gestos da avó. “Hoje, minha vó é falecida. Mas minha mãe e minha tia também fazem renda de bilro”.

Auriane



Para Auriane, a renda não é apenas artesanato. É uma história de continuidade e, sobretudo, sustento. A técnica surgiu como alternativa num período em que sua família não tinha trabalho fixo, e o que começou como necessidade transformou-se em identidade, trabalho e orgulho. “Na renda de bilro aprendi várias formas de fazer blusas, vestidos, saias, brincos, e até mesmo sandálias”.

Com um sorriso no rosto, Francisca de Oliveira, carinhosamente conhecida como “Dona Mocinha”, recorda com carinho seus 83 anos como rendeira de bilro. Iniciou a tramar aos 8 anos de idade, observando sua mãe. “Mamãe não me ensinou, não. Eu só ficava olhando ela fazendo... quando ela saía, eu me sentava e aprendia num instante.”

Seu amor pelo bilro se revela na dedicação em trabalhar com sua “rendinha”, como chama carinhosamente. É capaz de passar noites em claro, com a companhia inseparável de sua almofada. “Às vezes, meu menino diz assim: mamãe, deixa de tanto fazer renda

você passa a noite sem dormir, e eu digo: meu filho, é porque eu gosto de fazer. Quando vou fazer renda, não faço numa cadeira, faço sentada no chão. E é assim, passo o dia todo fazendo renda. Porque as minhas costas doem, mas se eu fizer no chão, não sinto dor em nada.”

Para Dona Mocinha, a renda vem antes de qualquer obrigação. “Eu não faço porque preciso, não. Eu faço porque eu amo fazer minha renda”, repete. É o que a mantém ocupada, centrada e em paz. “Eu me inteiro fazendo renda”, diz, explicando como preenche a solidão da casa desde a morte do marido.

A tradição segue viva também na nova geração da família. Sua bisneta, de oito anos, já demonstra a mesma habilidade e disposição. “Ela faz igual eu”, diz a avó, orgulhosa.

No fim, tudo na vida de Auriane e Francisca retornam ao mesmo ponto: o amor pelo bilro, que atravessa gerações e tece os caminhos que trazem continuidade à tradição.

Dona Mocinha

Renda de Bilro

Acaraú e Itarema
Formação desenho básico -
Módulo 1

Valeska Zuim

ren
der
-ce

Viva Betânia de
Exato da Graduação
e Pós Graduação

NILO SÉRGIO HOLANDA GOMES

COM 54 ANOS DE GRUPO JEREISSATI,
O DIRETOR FINANCEIRO AGORA
TRANSFORMA EXPERIÊNCIA EM
PROPÓSITO COM O RENDER-CE



Yasmin Boyadjian

Estudante do curso de Jornalismo da Unifor

Existem histórias que se confundem com o próprio desenvolvimento econômico e social de um estado. A trajetória de Nilo Sérgio Holanda Gomes, aos 75 anos de idade e com impressionantes 54 anos de dedicação ao Grupo Jereissati, é uma dessas narrativas que se entrelaçam com o crescimento do Ceará moderno. Desde os primeiros passos profissionais, ainda no embrião do Shopping Center Um, quando foi convidado a ser o primeiro diretor da loja Pão de Açúcar em Fortaleza, Nilo construiu uma carreira que atravessou gerações, transformações empresariais e a consolidação de um dos grupos mais emblemáticos do Nordeste brasileiro.





Ao longo de mais de meio século, esteve ao lado de nomes que simbolizam o empreendedorismo e a visão estratégica do Ceará, como Tasso Jereissati, líder político e empresarial de referência nacional, e Renata Jereissati, filha de Edson Queiroz, o fundador da Fundação Edson Queiroz e idealizador da Universidade de Fortaleza (Unifor). Ao lado dos dois, Nilo compartilhou não apenas desafios corporativos, mas também a crença na capacidade transformadora da educação, da cultura e da inovação.

De diretor do varejo à liderança industrial, passando pela Coca-Cola Ceará, cuja inauguração acompanhou de perto em 1974, até chegar à holding do Grupo Jereissati, onde permanece até hoje, Nilo tornou-se guardião de uma herança empresarial construída com trabalho, ética e visão de futuro. Mas, mais do que um executivo de resultados, ele é um homem de causas.

É essa sensibilidade que o aproxima de projetos como o Render-CE, iniciativa voltada à valorização e ao desenvolvimento do artesanato cearense, símbolo vivo da identidade e da criatividade do povo local. O envolvimento de Nilo com o artesanato vem de muito antes dos cargos e das corporações: remonta à infância em Pacoti,

onde via sua mãe e dezenas de bordadeiras transformarem tecidos simples em obras de arte, costurando com delicadeza não apenas fios, mas histórias e sonhos.

Hoje, ao apoiar o projeto, ele reencontra aquele menino curioso que observava o movimento das mulheres levando suas peças prontas e recebendo o pagamento pelo fruto do próprio talento. É como se o tempo fechasse um ciclo, o empresário experiente, forjado em grandes desafios, volta às origens para fortalecer uma das expressões mais genuínas da economia criativa do Ceará.

Com a mesma paixão que o guiou por mais de cinco décadas de liderança, Nilo Sérgio reafirma, agora por meio do Render-CE, seu compromisso com o desenvolvimento humano e cultural do estado. Uma trajetória que inspira não apenas pelo que construiu, mas pelo que continua a semear: o respeito ao trabalho, a valorização das pessoas e a crença de que o futuro do Ceará também se tece à mão, com arte, com alma e com propósito. Confira, a seguir, a entrevista com Nilo Sérgio Holanda Gomes.

Como foi seu primeiro contato com o projeto Render-CE e a Loja do Bem?

Quando eu estava na holding do grupo, a Loja do Bem começou não com artesanato mas com experiências das épocas natalinas, mas se fez uma a venda de uma latinha para ajudar as entidades, no outro ano foi bola de Natal. A ideia era exatamente ajudar as entidades através dessas ações, normalmente feitas no fim do ano. E em um determinado período em julho nas férias, o shopping resolveu abrir um espaço para uma exposição de artesanato, porque a dona Renata sempre apoiou muito essa causa.

Se verificou que teve uma boa aceitação do público e a dona Renata (Jereissati) viu uma chance de voltar realmente a fazer um trabalho para ajudar o artesanato do Ceará. E aí ela ficou utilizando lojas que estavam vazias do shopping para expor artigos de artesanato. Esse trabalho começou a ser feito pelo marketing do shopping através das primeiras damas dos municípios.

Então era uma logística muito complicada, isso foi por volta de 2016, 2015, porque aí quem coordenava nas cidades era as primeiras damas, coordenava os artesãos e mandava os produtos através

dos ônibus. Era muito precário, porque inclusive não era uma entidade legalmente constituída e a operação era feita através de associações que ajudavam a gente. Inclusive não tinha máquina de cartão, a gente usava uma máquina de uma associação que era da ArtFio, da dona Conceição. E um dia o Dr. Tasso (Jereissati) me chamou e disse que queria que eu ajudasse a dona Renata em formalizar essa atividade que estava sendo feita aqui no shopping.

Nós estudamos o assunto e criamos o Instituto do Bem, que é uma entidade sem fins lucrativos e aí se passou a ter um local definido para que a loja pudesse funcionar. Estabelecemos os contatos com os artesãos, fizemos toda a parte legal, fiscal, foi aí passou realmente a ser a ser uma entidade, nós tratamos como se fosse uma empresa do grupo e que a gente faz a contabilidade, faz a parte de caixa, controla seus estoques, é uma empresa normalmente do grupo, embora não tenha fim lucrativo.

Foi através dessa ação que eu tive contato com o Instituto do Bem. Esse contato de implantação da loja, fui ajudando a dona Renata e terminei me envolvendo mais na loja. É tanto que hoje a parte social do grupo é a Loja do Bem, o projeto do ITJ,

que dá oportunidade a jovens carentes de baixa renda, propiciando a educação nos três anos antes de fazer o Enem.

Eu tive uma primeira experiência com uma comunidade de artesãos lá em Aquiraz. E era na pandemia e a gente fez o primeiro protótipo do Render-CE. A gente identificou que a renda de Bilro era o ponto forte e que eles tinham sempre produziam sempre a mesma peça por um problema simples que era produzir o gabarito.

Então se tinham 20 gabaritos todo mundo fazia as mesmas peças e a gente verificou que podia ajudar essa comunidade. Aí a gente começou o primeiro projeto, procuramos a Unifor para formar essa parceria. E aí começou-se o primeiro Render-CE, em Aquiraz. Não tinha nenhum mentor, não era no formato que era hoje.

Então os alunos fizeram o mesmo trabalho já no nível do projeto que é feito hoje, somente o pessoal do curso de moda. Nós conseguimos introduzir em Aquiraz doze novas peças nas coleções que eles utilizavam. A gente contratou uma pessoa que fazia os gabaritos, porque até isso é difícil, não é toda rendeira que faz.

Conseguimos desenvolver novas peças com os alunos da Unifor. E nessa época,

inclusive, o projeto começou a primeira assistência na parte da saúde delas. As rendeiras tinham problemas de visão. Então a gente fez uma parceria com o CLDO que fez os exames de vista e o Iguatemi com uma ótica.

Como iniciativas como a da Loja do Bem, fundada em 2015, fortalecem a identidade do artesanato cearense?

O segundo projeto Render-CE, foi feito em Cascavel com a cerâmica de Cascavel. O desejo desse segundo projeto era porque o Edson Queiroz nasceu nasceu nesta cidade e lá tem uma comunidade muito forte de barro. Inclusive foi uma coisa interessante, porque lá uma das grandes dificuldades da comunidade é que se alguém chegasse lá e quisesse ir na casa de algum artesão, então se botasse no Google não aparecia, não tinha como chegar lá, era no boca a boca.

Então, junto com o professor Euler (Muniz) e com o nosso pessoal de informática do grupo, a gente foi na casa de cada artesão, levantou os pontos georeferenciais de cada um e os colocamos no Google. Então, a partir daí eles passaram a ser visíveis no Google. Inclusive, fizemos mais ainda. Fizemos uma sinalização desde a CE, até a entrada da comunidade e para

casa de cada artesão, nós colocamos uma sinalização, dizendo onde ficava cada artesão, colocamos uma plaquinha e sinalizamos até o local. Não tinha estrada, a gente conseguiu com o prefeito que fosse feita a estrada lá. Então é essa a essência do Projeto Render-CE.

Nós tivemos uma segunda experiência em Aquiraz, depois dessa primeira de Cascavel. Aí já fomos com a mentoria, que aí era uma pessoa que tinha sido da região, Mario Sanders. Que é interessante que no princípio quando nós falamos com ele, ele não demonstrou muito interesse. Quando a gente levou o Mário Sanders lá, ele era da região, originário de lá, de Aquiraz. Inclusive tinha visto a mãe e a avó fazendo trabalho de renda. E aí quando ele viu as rendeiras trabalhando, ele ficou impressionado. Que a rendeira assim levava 30 dias para fazer uma peça. Então ele aceitou fazer uma mentoria e foi muito interessante. O trabalho realmente foi muito bom.

Depois voltamos a Cascavel, aí já levamos dentro do novo formato um mentor, que foi o Bosco Lisboa, que é o artista do barro. E nessa segunda visita, nós verificamos que um dos problemas que eles tinham lá era com os fornos de queima das peças. É dentro daquele sistema tra-

dicional de queima de tijolo comum, que é chamado caeira. E as chamas atingiram diretamente as peças.

Além de desperdiçar muita madeira, era altamente poluente ao ponto de que se alguma casa fosse queimar, se o vizinho tivesse uma criança ou tivesse um idoso, tinha que passar o dia fora, porque a fumaça era tanta que prejudicava a saúde deles. Aí a gente desenvolveu um modelo de forno junto com o pessoal da engenharia da Unifor, do curso de engenharia. E nós doamos para a comunidade 12 fornos.

E eles abandonaram os fornos tradicionais e passaram a usar esses fornos, que aí a chama não gera com um sistema de ar quente. Um projeto que seu bolso de Lisboa ajudou bastante. E aí economizava muita lenha e aí tinha controle da temperatura, e inclusive até podia queimar peças maiores do forno. Então aí só foi a consolidação do do Projeto Render-CE.

Quais são os caminhos para a liderança econômica feminina? Como projetos como o Render-CE inspiram rendeiras a se tornarem donas de suas próprias marcas, por exemplo, reforçando a independência financeira das mulheres?

É muito interessante o caso de São Gonçalo do Amarante, os homens trabalham no Porto do Pecém e na Siderúrgica e as mulheres ficavam em casa bordando. Vamos dizer que a pessoa queria comprar uma peça de São Gonçalo do Amarante, a logística é muito complicada. E elas tendo a oportunidade de colocar as peças aqui, elas conseguem ajudar na renda da família e acabam se tornando mulheres mais fortes, mais posicionadas e conseguem desenvolver a sua atividade

Então é para elas uma oportunidade realmente de afirmação do lado feminino e ajudar a família. Realmente tem um posicionamento familiar muito interessante. Inclusive lá na ArtFio teve uma coisa muito interessante é que elas tinham dificuldade de onde se reuniram. E a gente reformou uma casa que elas utilizam, que é da família da dona Conceição, para exatamente dar condições para colocar as máquinas e elas podem trabalhar no local.

Ajudamos com o transporte, a gente doou para a associação um carro para que eles pudessem fazer a locomoção. A principal pessoa de lá é dona Conceição que é uma senhora, então ela realmente já tem uma liderança impressionante, a gente vê a importância da mulher nesse setor.

O diferencial da oitava edição é a união entre o projeto e as secretarias da cultura de Acaraú e Itarema. Como esta parceria promove a preservação dos saberes tradicionais?

Quando a prefeitura no Render-CE dá o apoio, realmente a operação se torna muito mais muito mais eficaz. E lá em Acaraú a gente teve a felicidade de ter um secretário de cultura que e a própria prefeita que valorizam muito o artesanato e colocaram toda a estrutura da prefeitura para fazer o trabalho junto com a gente. Como o Acaraú é mais distante, é uma logística muito complicada.

E essa parceria é fundamental para que o projeto tenha sucesso. Nós realmente estamos vendo que os resgates lá são impressionantes. Eles já tem toda uma estrutura já voltada para assistir o artesão e a junção da Unifor, junto com a Loja do Bem e a prefeitura, vai ser a conclusão de um trabalho espetacular. Inclusive a gente até está fazendo a mesma coisa que faz em todas as edições, que é ver a parte da saúde.

Elas ainda vão vir aqui, as artesãs e a gente vai providenciar fazer os exames de saúde principalmente a parte de vista porque eles utilizam bastante para que a gente possa providenciar os óculos para

cada uma. É uma parceria muito interessante com a Unifor. E o que a gente sente é que os resultados são muito bons para a comunidade do artesão que recebe a alteração do Render-CE.

Como a valorização do artesanato cearense reflete na economia criativa cearense, principalmente no turismo?

Então nós fomos até Maranguape para Richelieu. Fomos até São Gonçalo do Amarante, com as crocheteiras, com dona Conceição. E aí depois daí nós fomos para Aracati e agora estamos em Acaraú e Itarema. Realmente é um trabalho muito bonito esse trabalho do Render-CE. Pois o estado do Ceará tem um artesanato muito rico.

Já no Shopping Iguatemi principalmente, a gente vê nessas épocas em que a frequência de turismo aumenta, eles sempre vêm ao shopping. Então recebemos muitos turistas aqui e isso é muito importante porque é uma porta de para que os artesãos consigam vender a sua a sua produção. Então isso ajuda muito o artesanato. Os estrangeiros sempre vem aqui no shopping e acabam que vem aqui na Loja do Bem.

É interessante porque como o Iguatemi ele tem um fluxo muito grande de pessoas e aqui a gente dá uma oportunidade para que os artesãos exponham as suas

peças. Então nas etiquetas de cada produto a gente diz qual é o material, qual é a comunidade, qual é o artesão e o telefone dele. Para que as pessoas possam inclusive entrar em contato com os próprios.

Como o espaço do Iguatemi é imbatível, um lugar que chega a andar por dia 70.000 pessoas e que a gente realmente oferece essa oportunidade de visibilidade aos artesãos. Muitos deles têm dificuldade de comercialização, não conseguem nem vender as suas peças. E nós com essa atividade institucional do shopping, a gente oferece essa oportunidade às rendeiras e artesãos.

Como surgiu a ideia de implementar a renda de bilro nesta edição?

Porque Acaraú e Itarema são muito tradicionais. Inclusive eles tem muitos pontos lá que são completamente diferentes dos originários de Acaraú. Então a ideia foi exatamente de resgatar essa parte do da renda do bilro que tava inclusive até meia esquecida e que o Thalles Walker, que é o Secretário de Cultura, já vinha começando a fazer um trabalho, então juntou essa essa oportunidade com o trabalho que ele está fazendo lá. Então a gente espera o resgate de pontos e de materiais que realmente são muito antigos e são um privilégio lá de Acaraú e Itarema.

FAZER O BEM ALÉM
DAS TENDÊNCIAS,
UM COMPROMISSO QUE
CHEGOU PARA FICAR.



A LOJA DO BEM
É UMA LOJA
SEM FINS LUCRATIVOS,
QUE PROMOVE O
ARTESANATO CEARENSE.

Além de fortalecer nossa cultura e o artesanato, ao comprar na loja, você também contribui com o sustento de mais de 500 famílias de artesãos cearenses e a valorização da cultura da nossa gente.